

## **“É, REALMENTE NINGUÉM SEGUROU ESTE PAÍS!” – Os últimos anos da ditadura civil-militar em charges da grande imprensa.**

**FÁBIO DONATO FERREIRA<sup>1</sup>;**

**ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES<sup>2</sup>;**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – fdonatoferreira@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - aristeuufpel@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

Esta dissertação de mestrado em História tem por objetivos principais analisar as charges e caricaturas da grande imprensa, de grande circulação no período de redemocratização. Levarei em consideração as posições políticas do veículo e do artista, o fim da censura oficial também será analisada assim como a autocensura de diversos grupos editoriais. E por fim importância deste humor gráfico e se ele foi realmente importante nesta transição.

Para este estudo selecionei quatro periódicos muito representativos para a época: *O Estado de São Paulo*, *A Folha de S.Paulo*, *O Jornal do Brasil* e a revista *Veja*. Estes jornais, mesmo circulando nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou seja, não tinham uma abrangência nacional na época<sup>1</sup>, são os de maior circulação. Sendo que estes diários chegam a ter 20% do mercado nacional de mídias impressas (SÁ MOTTA, 2013).

A charge junto à caricatura, talvez seja a forma mais “real” de se retratar uma pessoa, pois diferente do retrato, que pode ser pintado por artistas muito talentosos, um quadro encomendado tem um peso muito diferente por ser algo edificante, que nos mostra o lado idealizado, como o retratado gostaria de ser visto e lembrado no futuro. Já a caricatura mostra como o sujeito é visto pelos outros, ou como deveria ser visto, é um humano falho, onde no cômico, além de trazer os defeitos da pessoa, torna ela mais humana justamente por esta imperfeição.

Art Spiegelman<sup>2</sup> em sua *graphic novel A Sombra das Torres Ausentes* (2004) diz que “nada tem validade tão curta quando caricaturas iradas de políticos” (SPIEGELMAN, 2004, p.5), talvez para o dia-a-dia e imaginário popular as caricaturas tenham mesmo uma breve validade, mas sabemos que em termos de história, a ideia de validade de algo que praticamente não existe, principalmente quando a importância do contexto em que ela foi produzida for tão significativa para a população de um país, afinal a charge política além de estar vinculada a imprensa, e por consequência as notícias do momento, está ligada também a formação de opinião. A imprensa por estar ligada a determinado período do tempo, serve como fonte histórica, assim também acontece com a charge.

### **2. METODOLOGIA**

Para a pesquisa das charges, preciso de um instrumental analítico apropriado, uso o do autor e pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013) que em sua pesquisa sobre narrativas, desenvolveu um diagrama para observar os níveis de narrativas jornalísticas. Dentro de sua obra *A Análise crítica da Narrativa* (2013),

<sup>1</sup> Com exceção da revista *Veja* que na época já tinha uma visibilidade e circulava por todo o país.

<sup>2</sup> Escritor, cartunista e ilustrador, conhecido por sua obra *Maus* (1986), sendo o único quadrinho que já recebeu o prêmio Pulitzer em 1992.

Motta cria um modelo de três narradores: O primeiro O Primeiro narrador, que seria o veículo jornalístico que o leitor tem acesso, posição editorial e histórico. O Segundo narrador que seria o artista que faz sua crítica humorística, qual a relação e tempo do ilustrador com periódicos em trabalhos anteriores, e por último o Terceiro narrador, que seriam os personagens dentro da história, caricaturas de políticos ou figuras de notoriedade, também passando por personagens fictícios em determinada situação cotidiana de fácil reconhecimento. Onde os três narradores, nessa ordem, transmitem a ideia, em conjunto, sobre a mensagem tanto do grupo editorial, quanto da equipe de jornalistas e artistas que estão no jornal.

Com o fim do AI-5 em 1978 muitos jornais se sentiram mais abertos a criticar o regime, embora sempre houvesse uma autocensura dos próprios artistas ao retratar os problemas políticos ou do dia-a-dia. A economia estava em crise em vários setores e o descontentamento com o governo fez com que diversos movimentos buscassem pelos seus direitos como as greves do ABC paulista, e o movimento Diretas Já que pedia o fim do militarismo no poder.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro capítulo da dissertação, o qual é apresentado na qualificação, nele são abordadas as temáticas da representação, da comicidade e do próprio alvo das charges, importantes para compreender toda a análise que será feita ao longo da dissertação. A imagem do ex-presidente João Baptista Figueiredo<sup>3</sup>, é analisada com destaque na terceira parte deste capítulo. Como os artistas da grande imprensa viam a figura do general, suas atitudes e até discursos estão presentes nas charges, junto com a persona que esse político pareceu encarnar.

Já no Capítulo 2 é tratado assuntos do meio social do país, como os problemas econômicos em que o Brasil se encontrava, as rendas familiares, dívida externa, era a ditadura colhendo os frutos do “milagre econômico” já em seu final. Assim como os movimentos sociais que reivindicavam diversos direitos que foram retirados e precisavam ser reinstituídos. Além da *Diretas Já!* movimento que ganhou o nome devido a uma charge política do artista Henrique de Souza Filho, o Henfil, temos a Lei de Anistia que começa a entrar em vigor. Mesmo não sendo a anistia que muitos esperavam, devido a sua amplitude que acabava livrando também torturadores. Todas essas “aberturas” dava a impressão de que a democracia estava chegando lenta e gradualmente como o próprio presidente Figueiredo já havia dito em discurso. Mas ela serve também para que a população sinta menos a censura, assim, as advertências e proibições passavam de forma mais amena. A censura então entra no capítulo para mostrar como ela agia em um período de redemocratização.

Enquanto no capítulo 3 se apontará uma reta final da ditadura-civil militar e como nesta abertura política novas revistas e jornais surgem, assim como novos artistas inspirados em seus antecessores, demonstram sim uma liberdade e perpetuam o riso até então segurado pelos militares. Artistas como Marcatti acabam também por mostrar um talento que vem de uma imprensa alternativa, mas feita em seu próprio porão, e ganha reconhecimento nacional. Temos uma independência e riso mais frouxo, embora a censura ainda apareça até os dias de hoje

---

<sup>3</sup>Trigésimo presidente do Brasil, e último dos militares no poder.



#### 4. CONCLUSÕES

A diferenciação de minha pesquisa é buscar a grande imprensa diária na reabertura política, onde diversos jornais que analiso apoiaram os militares, a autocensura que os próprios artistas mantinham para não se envolverem com problemas maiores, e como foi encarado o fim do período nos jornais e revistas, o humor empregado no regime durante a redemocratização, justificando esse projeto de pesquisa de mestrado em história, que contribuirá não apenas para a área de história, mas para pesquisas em outras áreas do conhecimento. Não há pesquisas que tenham se dedicado com mais detalhes a análise da caricatura no fim da ditadura e na reabertura política, período na qual a charge não mostra apenas a política com mais acidez, mas também a cultura dos jovens suburbanos que surgem com ânimo e novos ares sobre redemocratização, que se mostra aos poucos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

ANKERSMIT, Frederik R. **A escrita da história: a natureza da representação histórica**. Tradução Jonathan Menezes et. al. Londrina: EDUEL, 2012.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. 2. ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1993.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda** – Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SPIEGELMAN, Art. **À Sombra das Torres Ausentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.